

O AVANÇO DO MOVIMENTO OLÍMPICO NA AMÉRICA LATINA: UM OLHAR PARA A CONSTRUÇÃO DOS JOGOS DO CENTENÁRIO DE 1922 (RIO DE JANEIRO) E DOS JOGOS BOLIVARIANOS DE 1938 (BOGOTÁ)

THE ADVANCEMENT OF THE OLYMPIC MOVEMENT IN LATIN AMERICA: A LOOK AT THE CONSTRUCTION OF THE CENTENNIAL GAMES 1922 (RIO DE JANEIRO) AND THE BOLIVARIAN GAMES 1938 (BOGOTÁ)

Eduardo de Souza Gomes¹ - Centro Universitário Serra dos Órgãos

RESUMO

Este artigo tem por objetivo a análise, dentro de uma perspectiva da História Comparada, de dois eventos esportivos ocorridos no cenário latino-americano: os Jogos do Centenário de 1922, organizados no Rio de Janeiro no âmbito dos festejos do centenário da independência do Brasil; e os Jogos Bolivarianos de 1938, ocorridos em Bogotá como evento principal de comemoração do IV centenário da capital colombiana. Busca-se entender como os dois eventos foram pensados e como as agendas esportivas estabelecidas favoreceram para a consolidação de um ideário do olimpismo. Assim, esta pesquisa tem por objetivo apresentar visões que interligam o esporte com os discursos nacionalistas então concebidos, tal como o cenário político das relações internacionais que tanto Brasil quanto Colômbia estavam inseridos, sendo possível organizar parâmetros para uma reflexão mais qualificada acerca do conceito de América Latina e suas variantes locais, a partir de eventos esportivos específicos.

Palavras-chave: Esporte; Nacionalismo; Relações Internacionais; Brasil; Colômbia.

ABSTRACT

This article aims to analyze, from a comparative history perspective, two sporting events that took place in Latin America: the 1922 Centennial Games, organized in Rio de Janeiro as part of the celebrations of Brazil's centennial of independence; and the 1938 Bolivarian Games, held in Bogotá as the main event commemorating the 400th anniversary of the Colombian capital. The aim is to understand how the two events were conceived and how the sporting agendas established favored the consolidation of an Olympic ideal. Thus, this research aims to present views that link sport with the nationalist discourses conceived at the time, as well as the political scenario of international relations in which both Brazil and Colombia were involved, making it possible to organize parameters for a more qualified reflection on the concept of Latin America and its local variants, based on specific sporting events.

Keywords: Sports; Nationalism; International Relations; Brazil, Colombia.

1 Pós-doutor em Educação, com ênfase em História e Ensino da Educação Física, pela FE/UFRJ. Doutor e mestre em História Comparada, com ênfase em História do Esporte, pelo IH/UFRJ. Professor do curso de Educação Física do Unifeso – Polo Squarema, RJ, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Beatriz Amaral Pereira, 106, Bacaxá, Ssquarema, RJ, Brasil, CEP: 28990-000. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0130-4386>. E-mail: gomes.eduardo.de.souza@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar como foram forjados os Jogos do Centenário de 1922 no Rio de Janeiro e os Jogos Bolivarianos de 1938 em Bogotá. Busca-se pensar, dentre outros fatores, como os ideais do olimpismo apareceram em ambos os casos, tal como os eventos foram desenvolvidos enquanto políticas nacionalistas e diplomáticas, sendo esses alguns dos caminhos possíveis para o estabelecimento de olhares comparativos.

Manoel Tubino, Fábio Tubino e Fernando Antonio Garrido, destacam que o olimpismo moderno

[...] foi concebido por Pierre de Coubertin, que teve a iniciativa de reunir em junho de 1894 o Congresso Atlético Internacional de Paris. Em 23 de junho de 1894 se constitui o COI (Comitê Olímpico Internacional). O Olimpismo é uma filosofia de vida que exalta e combina num conjunto harmônico as qualidades do corpo, a vontade e o espírito. Ao associar o Esporte com a cultura e a educação, o Olimpismo se propõe a criar um estilo de vida baseado na alegria do esforço, no valor educativo do bom exemplo e no respeito pelos princípios éticos universais. (Tubino; Tubino; Garrido, 2007, p. 632)

Destacam ainda, que o olimpismo possui valores que se interligam ao pacifismo, à cooperação e ao respeito, frutos da narrativa de Pierre de Coubertin que defendia a união das nações e se apresentava como um símbolo de cooperação diplomática e difusão pacífica de um olhar globalizado. Segundo os autores,

O objetivo do Olimpismo é colocar sempre o Esporte a serviço do desenvolvimento harmônico do homem, com o fim de favorecer o estabelecimento de uma sociedade pacífica e comprometida com a manutenção da dignidade humana. Para isso, o Movimento Olímpico realiza, somente ou em cooperação com outros organismos e dentro de suas possibilidades, ações a favor da paz. [...] O Movimento Olímpico tem como objetivo contribuir para a construção de um mundo melhor e mais pacífico, educando a juventude do Esporte praticado sem discriminação de nenhuma classe e dentro do espírito olímpico, que exige compreensão mútua, espírito de amizade, solidariedade e Fair Play. (Tubino; Tubino; Garrido, 2007, p. 632)

Ao olhar para esse avançar olímpico, no caso do evento ocorrido em 1922 no Rio de Janeiro, é válido serem destacadas algumas características do contexto em voga. A proposta de criação de jogos no âmbito continental, não só na América Latina, mas também em outras localidades do mundo, se fazia presente nesses ideais de difusão do “ideal olímpico” proposto por Coubertin, a partir das primeiras décadas do século XX (Torres, 2012, p. 11). Existia, por parte do Comitê Olímpico Internacional (COI), o interesse em difundir esse propósito por distintas partes do sistema-mundo, de forma que fortalecesse as relações diplomáticas da entidade com as diferentes nações espalhadas globalmente, podendo assim não só consolidar o evento maior, que eram os Jogos Olímpicos, como também efetivar uma ampliação dos discursos da entidade, ligados a uma percepção moral do esporte.

No cenário do continente americano atual, o principal evento esportivo são os Jogos Pan-Americanos, organizados pela Organização Desportiva Pan-Americana (ODEPA). O evento conta com a participação de nações de todo o continente americano e, desde 1951, é realizado de quatro em quatro anos, sempre tendo como sede algum país dessa região.

Apesar do início oficial dos Jogos Pan-Americanos ter se dado somente na década de 1950, a tentativa de idealizar um evento poliesportivo que pudesse abarcar diferentes nações do continente americano remete às décadas anteriores.

Nesse processo, foram pioneiros os Jogos do Centenário de 1922, que são aqui analisados e ocorreram no Rio de Janeiro. Em tal evento, que contou com a participação de países das América do Sul, se faz possível identificar algumas características similares aos Pan-Americanos que, posteriormente, se consolidariam como o maior evento de disputas poliesportivas do continente.

Além dos Jogos de 1922 no Brasil, antes e depois da criação dos Jogos Pan-Americanos, diversos outros eventos esportivos foram criados no âmbito do continente americano, em sua grande maioria com conotações e especificidades mais regionais. Esses modelos de competições explicitavam as tentativas de diferentes entidades, em sua grande maioria chefiadas pelo COI, de construir relações internacionais a partir do esporte. Citando apenas alguns, podemos por exemplo destacar: os Jogos Centro-Americanos e do Caribe, com início em 1926 no México; os Jogos Bolivarianos, iniciados em 1938 na Colômbia e que é aqui também analisado; os Jogos Desportivos Centro-Americanos, tendo como pontapé inicial o ano de 1973, na Guatemala; e os Jogos Sul-Americanos, com início em 1978 na Bolívia; dentre outros.

Assim, na sequência serão abordadas algumas das características que marcaram a organização dos dois jogos aqui problematizados. Nesta oportunidade, sem adentrar com profundidade em outras particularidades dos eventos e que merecem um olhar mais aguçado em futuras análises, serão levantadas algumas questões e argumentos que levaram a idealização e consolidação desses certames, tendo como espaço de problematização seus respectivos cenários sociais e políticos. Com isso, será realizada uma análise comparativa, no sentido de estabelecer diferenças, semelhanças e possíveis conexões, na construção dos dois eventos em si.

OS JOGOS DO CENTENÁRIO DE 1922

Aqui chamamos de Jogos do Centenário de 1922 o conglomerado de competições inseridas nos Jogos Olímpicos Latino-Americanos, organizados na cidade do Rio de Janeiro, somados ao VI Sul-Americano de Seleções de futebol, então organizado pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CSF).² O primeiro evento citado, contou com a disputa das seguintes modalidades: natação, polo aquático, basquete, tênis, atletismo, esgrima, tiro, remo, boxe e hipismo (Malaia, 2012, p. 58).

Naquele momento, o campo esportivo brasileiro já se encontrava bem conformado. Desde o século XIX, havia se tornado comum a realização de competições das mais variadas práticas esportivas. Tratando-se de um período de avanço dos ideais de modernidade, não é absurdo o argumento de que as práticas esportivas teriam relação primordial com as influências culturais oriundas da Europa (Melo, 2010, p. 109). Como realça Victor Andrade de Melo,

[...] com a importação de modismos e de bens culturais europeus, os esportes e as atividades físicas institucionalizadas chegaram ao Brasil. Deve-se destacar, contudo, que a utilização do termo *sport* é mesmo anterior à constituição de um campo esportivo propriamente dito. (Melo, 2001, p. 23)

2 Maiores informações, ver Gomes, 2025.

Especificamente no Rio de Janeiro, a capital do país e sede principal dos festejos do centenário da independência, a idealização de uma cidade que se diz “moderna”, tal como propõe Marly Motta (1992a), já ocorria desde o século XIX, tendo tido com o tempo variações estéticas e adaptações de discursos na localidade.

De acordo com César Torres (2012), Pierre de Coubertin teria se preocupado com o futuro do Movimento Olímpico, notadamente no cenário da Primeira Guerra Mundial. Tendo os Jogos Olímpicos de verão sido sua principal idealização e se iniciado em 1896, os conflitos nacionalistas do confronto global entre 1914-1918, poderiam colocar em risco essa difusão mundial do evento esportivo, já que havia um choque entre os interesses dos países no período em questão, gerando um processo de confrontos e não de coalizão.

De pronto, para expandir os ideais do olimpismo e consolidar tais objetivos, a América Latina surgiu como uma opção real de efetivação dos padrões então defendidos por Coubertin e passou a ser entendida como espaço estratégico para o desenvolvimento de tais valores.

As relações e semelhanças culturais com os países da Europa ocidental, dentro de uma lógica moral judaico-cristã originária do longo processo de colonização pelo qual, de diferentes maneiras, passaram historicamente a maior parte dos países da região, fizeram com que o cenário latino-americano fosse entendido como um dos espaços percussores para a difusão dos ideais olímpicos.

Para culminar tal objetivo, César Torres ainda destaca que, em 1917, foi criado o Comitê Latino-Americano de Propaganda Olímpica, o que explicita de forma mais precisa os interesses da entidade e dos dirigentes ligados ao movimento olímpico, de estabelecer uma agenda esportiva do COI na região latino-americana (Torres, 2012, p. 11).

Assim, se iniciava um processo que, paulatinamente, passou a ser utilizado pelo COI para difundir os Jogos Olímpicos de maneira global. Esse foi um dos caminhos pensados para efetivar a consolidação da Olimpíada no evento multinacional que se conhece na atualidade, tal como transformar o COI em uma entidade não menos transnacional, considerando que, na atualidade, possui mais países filiados do que a Organização das Nações Unidas (ONU) (Melo, 2010, p. 96).

Todavia, mais que os ideais olímpicos expostos, outras questões também influenciaram a efetivação dos Jogos do Centenário em 1922 no Rio de Janeiro, com destaque para as relações existentes entre o COI e a Associação Cristã de Moços (ACM). A já aqui explicitada predominância da moral judaico-cristã no contexto latino-americano, fez com que a ACM também tivesse interesses na consolidação de uma agenda esportiva na região. Suas ações não se resumiam ou encerravam com os esportes, mas tinham nas práticas corporais um de seus principais pilares para se estabelecer um aparato moral na sociedade.

Entretanto, mesmo tendo existido uma parceria entre essas duas instituições na efetivação dos Jogos do Centenário no Rio de Janeiro, tal relação se iniciou a partir de disputas dentro do campo, já que os interesses dos dois grupos se chocaram em diferentes momentos. Como explicita César Torres:

Apesar de a decisão (de organizar a Olimpíada de 1920 em Antuérpia-BEL), ter sido tomada antes de o COI ter preparado um plano para promover o projeto olímpico nas regiões do mundo onde ele ainda não havia despertado grande interesse, um mal-entendido quanto à inesperada organização dos Jogos dos Países Aliados – festival esportivo para as tropas aliadas da 1ª Guerra, concebido pelas Forças Armadas dos Estados Unidos, com a ajuda

da Associação Cristã de Moços (ACM) – desencadeou a elaboração desse plano logo após a decisão do comitê de retomar as competições olímpicas [...]. Preocupado com o futuro de seus Jogos Olímpicos e incomodado com os iminentes Jogos dos Países Aliados, popularmente conhecidos como “Olimpíada das Forças Armadas”, Coubertin contactou a ACM para tratar do que ele considerava uma intrusão nas questões olímpicas. No dia 25 de janeiro de 1919, Coubertin escreveu ao norte-americano Elwood S. Brown – à época, diretor esportivo não só da Força Expedicionária Americana, como também do Comitê Internacional da ACM [...]. Brown respondeu em poucos dias. O norte-americano garantiu a Coubertin que os Jogos dos Países Aliados não eram “de forma alguns rivais dos Jogos Olímpicos” [...]. As palavras de Brown tiveram um efeito tranquilizante em um preocupado Coubertin. (Torres, 2012, p. 11 e 12)

Como em toda disputa de campo, membros da ACM e do COI rivalizaram acerca da temática da expansão do esporte na América Latina. Todavia, após essa disputa de interesses iniciais, Coubertin e Brown estabeleceram uma grande parceria que seria evidenciada nas relações consolidadas entre os dois grupos que representavam, com a organização de diferentes eventos esportivos a partir de então. E, no caso do cenário latino-americano, a primeira experiência pensada foram os Jogos Olímpicos Latino-Americanos de 1922, a serem realizados exatamente no momento dos festejos do centenário da independência do Brasil e junto do VI Sul-Americano de futebol que, como já abordado, ocorreram ambos na então capital Rio de Janeiro (Torres, 2012, p.15).

Brown, enquanto uma das lideranças da ACM, estabelecia relações próximas com os países da América Latina, tendo a associação já nos primórdios do século XX consolidado sedes em diferentes nações latino-americanas, como Argentina, Brasil, Chile, Cuba, México, Peru, Porto Rico e Uruguai. A forte influência das relações internacionais no esporte já se explicitava quando analisamos o fato de Brown ter, antes de decidir pela realização dos Jogos de 1922 no Rio de Janeiro, se encontrado com os presidentes de Brasil, Chile e Uruguai.³ Torres chama a atenção para a expansão global que, proposta pela ACM, influenciou diretamente na consolidação do evento no Rio de Janeiro:

Com a parceria totalmente apoiada e Brown indicado como chefe de missão para a América do Sul, o COI e a ACM lançaram-se na execução do primeiro projeto que a Associação tinha guardado: os Jogos Latino-Americanos de 1922, um espetáculo esportivo concebido como parte das comemorações do Centenário da Independência do Brasil. Apesar de a ACM acreditar que já havia preparado o terreno para a tarefa, poucos imaginavam os desafios que surgiriam. (Torres, 2012, p. 17)

A experiência de 1922 não foi a primeira em que o Brasil sediava um evento esportivo continental. Em 1919, por exemplo, o país sediou os campeonatos sul-americanos das seguintes modalidades: futebol, natação e polo aquático. No entanto, 1922 seria o auge desse processo enquanto anfitrião de jogos esportivos, já que os “Jogos do Centenário”, ao pensarmos o conjunto de modalidades inseridas nos Jogos Olímpicos Latino-Americanos e o torneio de futebol, foram de longe a maior organização de um evento esportivo no Brasil até então.

Para realizar um evento que pudesse conglomerar outras modalidades em âmbito continental, se fez necessário uma série de obras públicas na cidade do Rio de Janeiro. Depois da realização de uma série de debates, assim como atrasos ocorridos que, por pouco, não

3 Elwood Brown. Notes on Trip to South America. Março/Abril/Maio de 1920. Arquivos da ACM.

levaram a realização dos jogos do centenário da capital para São Paulo, chegou-se a uma definição de como seriam organizadas as obras para o evento no Rio de Janeiro. Como salienta Maurício Drumond,

[...] coube ao Fluminense Football Club, presidido por Arnaldo Guinle, membro de uma das mais ricas e influentes famílias cariocas, a oportunidade de sediar os jogos, realizando assim grandes obras em seu estádio. Para executar as obras no *stadium* do Fluminense foi chamado o arquiteto Hypolito Pujol Jr., que também era responsável pelo pavilhão de São Paulo na Exposição do Centenário – um dos maiores especialistas brasileiros em concreto armado, tecnologia moderna a ser utilizada no centro esportivo. Apresentando assim a modernidade a ser vista nos pavilhões da Exposição, o estádio do Fluminense seria então o principal palco dos Jogos do Centenário, abrigando o campeonato sul-americano de futebol, assim como competições de tênis, boxe, polo aquático, esgrima, atletismo e tiro. Outras localidades, como o estádio do Clube de Regatas do Flamengo, a Vila Militar e o Jockey Club, entre outros, também receberam parte das provas. (Drumond, 2012, p. 21-22)

Como o Rio de Janeiro, tal como enfatizou Marly Motta (1992a), era uma cidade que passava por algumas iniciativas que buscavam enquadrá-la aos já aqui citados ideais de modernidade, é válido ressaltar que a efetivação dos festejos do centenário em 1922 se constituiu em um momento chave para a consolidação desses interesses.

Como salienta Gomes (2016, p. 6), algumas das práticas esportivas que vinham da Europa, notadamente no final do século XIX e início do XX, já alcançavam em seus primórdios no país um *status* de “popular”. Mesmo que se observe, nas primeiras décadas do século XX, certo predomínio de alguns clubes mais elitistas na organização das principais competições esportivas que estavam inseridas nos Jogos do Centenário em 1922, diferentes modalidades, como o futebol, também estiveram presentes em localidades das camadas populares (Gomes, 2019).⁴

César Torres aponta que a preponderância do Fluminense F. C. na organização do evento se deu, em partes, pela incompetência e pelos atrasos cometidos por parte da CBD e do governo, que só teriam participado efetivamente na organização durante a fase final de preparação do evento. A ACM, com os atrasos de obras e prazos por parte da CBD, chegou, junto ao COI, a cogitar a retirada do caráter “olímpico” inerente aos Jogos do Centenário. Além disso, a entidade realizou pressões como ao afirmar que, se não obtivesse sucesso na preparação em 1922 no Brasil, organizariam os primeiros Jogos Olímpicos Latino-Americanos em 1923 na cidade de Montevideu, no Uruguai.

Após esses debates, o então prefeito do Rio de Janeiro, Carlos Sampaio, estabeleceu a solução: buscar ajuda ao clube Fluminense F. C.:

Sampaio garantiu a Sims (então diretor de Educação Física da ACM no Rio de Janeiro) “que o governo queria o apoio e o reconhecimento olímpico e tomaria as medidas necessárias para garantir aqueles resultados”⁵. O prefeito carioca também constituiu um novo comitê organizador, assegurou os fundos necessários para os Jogos e pediu ao Fluminense que assumisse um papel proeminente nos eventos esportivos, o que demonstrava a incapacidade da CBD para conduzir os torneios sozinha e limitava seu poder. (Torres, 2012, p. 22)

4 Maiores informações sobre a popularização do futebol nos primórdios do século XX, ver Leonardo Pereira (2000) e Nei Jorge dos Santos Jr (2014).

5 Elwood S. Brown a Pierre de Coubertin, 1 de maio de 1922, Arquivos do COI.

Mesmo com a CBD tendo divulgado posteriormente um comunicado negando que o Fluminense teria se tornado o “organizador dos jogos” (Torres, 2012, p. 23), na prática o clube acabou, de fato, tendo uma ação preponderante na organização do evento, contando com o apoio oficial da ACM para tal.⁶

A força da CBD havia sido contestada e, ao optar pela escolha do Fluminense F. C., um clube privado, como principal organizador do evento (no sentido de realizar obras e efetivamente definir os parâmetros dos jogos), o poder público brasileiro e carioca, tal como o COI e a ACM, explicitaram desde já como determinados interesses de fins econômicos se interligam com o esporte.

Sem recair em anacronismos, mas como exemplos atuais, pode-se citar duas experiências ocorridas também no Brasil e que contaram com uma relação específica entre o poder público e o setor privado, que foram os processos de organização da Copa do Mundo de futebol em 2014 e da Olimpíada de verão no Rio de Janeiro em 2016. Estabelecer parcerias dessa natureza, se fazia assim um exercício interessante para os interesses não só políticos que rondaram o evento, mas também mercadológicos e econômicos.

Karina Cancellata também destaca a importância dos militares no processo de preparação e organização dos jogos, tendo várias modalidades sido realizadas, durante o evento, em repartições militares. A autora explicita, ainda, a importância das ligas esportivas militares no processo de preparação das equipes brasileiras, pois

[...] no processo de preparação para os Jogos do Centenário, a LSM⁷ e a LSE⁸ organizaram diversas competições atléticas e aquáticas, a fim de selecionar indivíduos capazes de representar a Marinha e o Exército Brasileiro nos Jogos. (Cancellata, 2014, p. 188.)

O evento esportivo contou, de fato, com algumas tensões no contexto diplomático brasileiro, aos quais serão mais a frente problematizados. Apenas exemplificando, pode-se citar o ocorrido no Sul-Americano de futebol, onde a delegação uruguaia da modalidade abandonou a competição após um possível erro da arbitragem em jogo contra o Paraguai que, se não tivesse ocorrido, poderia ter dado o título aos uruguaios.⁹

O abandono dos uruguaios abriu espaço para o título do Brasil, que havia ficado empatado em pontos com a própria *celeste* e com os paraguaios, selecionado que venceu os uruguaios no conturbado jogo da última rodada. Com os três empatados em pontos, e tendo em vista a desistência uruguaia, Brasil e Paraguai fizeram um jogo extra, vencido por 3x0 pelos brasileiros e garantindo assim a conquista do selecionado da casa.¹⁰

Os detalhes desses ocorridos no campeonato de futebol, tal como outras tensões presentes nos certames como um todo, são mais problematizadas em outra obra (Gomes, 2025). Entretanto, indo além dos resultados em campo, as tensões entre brasileiros e uruguaios transbordaram os resultados esportivos e se estenderam para questões diplomáticas (Malaia, 2012, p. 69-70).

6 O *Paiz*, Rio de Janeiro, 18 de abril de 1922.

7 Liga de *Sports* da Marinha.

8 Liga de *Sports* do Exército.

9 *Correio da Manhã*, 13 de outubro de 1922, p. 5.

10 Maiores informações sobre o Sul-Americano de 1922 e seus efeitos, ver Gomes (2017).

Fatos como esse, nos permite pensar a partir da proposta de Leslie Bethell acerca do posicionamento brasileiro na América Latina historicamente. Ao realizar um evento com base em preceitos de instituições estadunidenses e europeias, como a ACM e o COI, o Brasil buscou, enquanto país organizador, se estabelecer enquanto “anfitrião” sul-americano.

Tal posição se deu mais no sentido de reafirmar sua ideia de distinção enquanto nação, se comparado a seus vizinhos sul-americanos, do que no sentido de se aproximar culturalmente das outras nações dessa região. Dentro de uma lógica prévia do que seria o imperialismo futuro do Brasil na região,¹¹ realça o autor que o país sempre esteve relacionado com posicionamentos diplomáticos mais alinhados aos Estados Unidos e a Europa, do que aos seus vizinhos mais próximos e com maiores similaridades históricas (Bethell, 2009, p. 297).

Tendo em vista essas e outras questões, o que desde já se faz possível destacar, a partir dos problemas levantados acima, é que o discurso nacionalista presente na culminação dos jogos em 1922 não se constituiu sem tensões. Problemas entre a ACM e o COI, tal como entre os diferentes clubes e dirigentes envolvidos nos Jogos Olímpicos Latino-Americanos e no VI Sul-Americano de futebol, foram notáveis, sendo possível identificá-los nas fontes periódicas e documentais. Mas, e na Colômbia? Será que o evento dos Jogos Bolivarianos em 1938 gerou um processo similar? Quais conexões podemos, ou não, realizar ao compararmos com o caso do Brasil em 1922?

OS JOGOS BOLIVARIANOS DE 1938

Como assinalado nas páginas anteriores, os primeiros Jogos Bolivarianos ocorreram na cidade de Bogotá, capital colombiana, no ano de 1938. Participaram dessa primeira edição os seguintes países: Bolívia, Equador, Panamá, Peru e Venezuela. A escolha desses, ocorreu pelo fato de que essas são as nações que, em suas lutas pela independência frente a coroa espanhola no século XIX, contaram de forma mais central e direta com a liderança de Simón Bolívar, sendo esse o referencial identitário para a idealização e criação dos jogos em questão.

Tal como no Brasil, os Jogos Bolivarianos de 1938 também possuem seus primórdios a partir de interesses diplomáticos relacionados à expansão dos ideais olímpicos, assim como pela busca do governo colombiano de López Pumarejo em consolidar um apaziguamento das relações na região em que estavam inseridos, como já demonstrado.

Para uma comparação mais consistente, é necessário destacar o cenário em que cada um dos eventos aqui analisados ocorre: enquanto os Jogos do Centenário de 1922 são realizados em um momento pós-Primeira Guerra Mundial e marcado por dúvidas acerca do Movimento Olímpico, tendo o COI deixado inclusive de realizar os jogos de 1916 (que ocorreriam em Berlim) devido ao conflito; os Jogos Bolivarianos de 1938 já são pensados em um contexto de maior estabilidade do COI, do Movimento Olímpico e dos Jogos Olímpicos de verão, tendo curiosamente sido idealizados no ano de 1936 em outra Olimpíada destinada a ser realizada em Berlim. A diferença central é que, dessa vez, os jogos de Berlim ocorreram e explicitaram, a partir do esporte, um pouco do olhar totalitário nazista que assolaria o mundo, notadamente a partir de 1939 com a Segunda Grande Guerra Mundial.

11 Sobre a formação de um imperialismo brasileiro, ver Virgínia Fontes (2010).

Durante o evento de 1936, o caso da saída do Peru¹² mobilizou os países latino-americanos. Luis Depuy, membro da delegação olímpica uruguaia, chegou a ser taxativo acerca do posicionamento que entendia ter que ser tomado pelas delegações sul-americanas, como evidenciado nas páginas de *El Espectador*: “solicitou à Federação Sul-Americana de futebol que não se volte a jogar com as nações europeias”.¹³ Já o presidente do Comitê Olímpico Chileno, com um discurso ainda marcado pelos parâmetros raciais que rondavam os anos 1930, valorizou a necessidade de se realizar “Jogos Olímpicos Americanos”, tal como os que haviam ocorrido no Rio em 1922 e que pudessem, assim, estabelecer uma pauta esportiva do continente para além da agenda europeia:

Os países americanos devem organizar os próprios Jogos Olímpicos americanos, mal entendido daqueles que estão no velho mundo [...] a virilidade dessa raça nova merece.¹⁴

A Colômbia anunciou sua retirada dos Jogos Olímpicos de Berlim em 13 de agosto de 1936.¹⁵ Dois dias depois, o governo peruano conferiu ao presidente colombiano, Alfonso López Pumarejo, *la Cruz de Brillantes de la Orden del Sol*, pela atitude de solidariedade para com o Peru (Acosta, 2015, p. 104), o que explicita o apaziguamento da política externa entre os dois países, após as tensões e conflitos anteriores já aqui citadas. Trata-se de uma demonstração clara de como o esporte pôde, também, ser utilizado para fins políticos ou diplomáticos. Ressalta Acosta que:

O importante para nosso interesse é que a Colômbia se solidarizou com a versão peruana e justificou, com base nela, sua retirada dos jogos. Esta foi uma ocasião para fazer manifesta a política antifascista e de solidariedade com os irmãos latino-americanos de López Pumarejo. Em todo caso, quando a Colômbia fez sua renúncia já haviam competido todos os atletas colombianos, aos quais não significou um custo desportivo para a delegação e sim uma jogada atrevida por parte de López para segurar as relações com os países de seu imediato contexto Geopolítico. Mas o concreto, é que a ação que empreendeu López se justificou como um atrevimento do pacto de paz que havia subscrito entre Colômbia e Peru para dar fim ao conflito de três anos atrás que haviam livrado estas nações. (Acosta, 2015, p. 104)

Um dirigente foi de fundamental importância para a consolidação do planejamento referente aos Jogos Bolivarianos, baseado nos ideais do Movimento Olímpico, o mesmo que tanto referendou Pierre de Coubertin ao lutar pela realização dos jogos de 1922 no Rio de Janeiro. Esse foi Alberto Nariño Cheyne.

Analisando o contexto e inserido nos interesses diplomáticos pensados por seu país, Nariño Cheyne propôs, com aprovação do COI, a realização dos primeiros Jogos Bolivarianos, a serem disputados em 1938 no advento das comemorações do IV Centenário da independência de Bogotá. Por reconhecimento, ao tentar consolidar tal evento, chegou inclusive a ser premiado com a “medalha olímpica”, durante as premiações da Olimpíada de verão de 1936 em Berlim.¹⁶ Explicita Acosta que, para a Colômbia

12 Sobre este caso, ver Gomes (2025).

13 *El Espectador*, 13 de agosto de 1936, p. 9, tradução nossa.

14 *El Tiempo*, 12 de agosto de 1936, p. 1.

15 *El Tiempo*, 14 de agosto de 1936, p. 1.

16 *El Tiempo*, 16 de agosto de 1936, p. 6.

Sem dúvidas, em questões organizativas, o resultado mais importante que se obteve a participação dos Jogos de Berlim foi a aceitação da proposta, levada por Alberto Nariño Cheyne frente o Comitê Olímpico Internacional, de realizar os primeiros Jogos Bolivarianos em 1938. Para 1936, o esporte na Colômbia havia cumprido as etapas iniciais de seu desenvolvimento, e pelo mesmo país se sentia as condições de organizar um evento internacional que estivesse a altura da celebração do quarto centenário da fundação de Bogotá, que se cumpriria em 1938. Como seu nome indica, se buscava com esse evento gerar relações amistosas com a vizinhança e promover uma integração mais sólida cuja arte mais visível se expressava com o esporte. (Acosta, 2013, p. 52, tradução nossa)

Percebe-se que, nos dois objetos até aqui analisados, diferentes interesses mobilizaram os grupos que buscaram idealizar o esporte enquanto parte dos festejos da nação, tanto no Brasil quanto na Colômbia. Tais mobilizações resultariam em efeitos distintos em cada caso, mas que se permite lançar hipóteses comparativas para, assim, melhor se compreender o cenário latino-americano das primeiras décadas do século XX.

Tal como no Brasil, onde já ocorriam algumas experiências notáveis relacionadas a presença do esporte nos primórdios do século XX, o campo esportivo colombiano já se desenvolvia desde o final do século XIX (Quitian Roldán, 2013). Ruiz Patiño (2008), ressaltou a importância da *Ley 80*, onde seus efeitos adentraram a década de 1930, percorrendo o imaginário e fazendo com que os governos da República Liberal (1930-1946) não descartassem o esporte enquanto importante fator para a consolidação de uma nova imagem para a nação.

Assim, considerando que em 1938 a Colômbia passava por um momento importante no que se diz respeito ao fortalecimento de sua ideia de nação, tal como na construção de símbolos identitários, se constituir uma agenda esportiva se fez importante. E mesmo com certa rejeição ao nazifascismo, tal como demonstrado no caso de retirada da delegação colombiana dos Jogos Olímpicos de 1936, os parâmetros defendidos a partir do esporte nos regimes dessas ideologias, também foram difundidos como primordiais para se pensar a nova “nação colombiana” na criação dos Jogos Bolivarianos de 1938. Moralmente, até então, o uso do esporte pelos regimes fascistas era enxergado como positivo por boa parte daqueles que buscavam utilizar esse campo para um fim nacionalista.

Com todo esse cenário, os Jogos Bolivarianos foram organizados entre 05 e 22 de agosto de 1938 e ficaram marcados pela tentativa colombiana de estabelecer um padrão nacionalista que pudesse dialogar, identitariamente, com os outros países da região continental entendida como bolivariana (Bolívia, Equador, Panamá, Peru e Venezuela).

Nessa primeira edição, o Peru foi o país que ficou no topo do quadro de medalhas.¹⁷ Até 1970, foram realizadas seis edições dos jogos, sem uma sequência exata de intervalo de um evento para o outro. Desde então, os Jogos Bolivarianos passaram a ocorrer de quatro em quatro anos, sempre tendo como sede um dos seis países citados.

Desde 1938 até o presente momento, foram realizadas dezoito edições dos jogos, tendo sido mantidos os seis países participantes desde seus primórdios. Essas nações, inclusive, fazem parte da Organização Desportiva Bolivariana (ODEBO), que é filiada à ODEPA e que foi criada na cidade de Bogotá em 16 de agosto de 1938, ou seja, no âmbito dos primeiros Jogos Bolivarianos da história. Como fica explícito em texto sobre esse fato exposto no próprio site da instituição,

17 De acordo com o site oficial da ODEBO, os peruanos alcançaram o total de 65 medalhas nessa primeira edição dos jogos. Maiores informações, ver www.odebolivariana.org. Acesso em 17 de julho de 2017.

Em 16 de agosto de 1938, em um ato celebrado no Palácio do Governo de Cundinamarca, Bogotá, se fundou oficialmente a Organização Deportiva Bolivariana, cuja sigla é ODEBO, uma entidade que une desportivamente os países bolivarianos.

O documento foi rubricado pelos dirigentes Jorge Rodríguez, de Bolívia; Alberto Nariño, de Colômbia; Galo Plaza, de Equador; Luis Saavedra, de Panamá; Alfredo Hohagen, do Peru; e Julio Bustamente, da Venezuela.

Desde sua criação a ODEBO foi constituída pelos Comitês Olímpicos Nacionais dos países bolivarianos, com sede oficial em Caracas, porém algumas mudanças em seus estatutos estabeleceram que a sede e domicílio permanente da ODEBO será a cidade onde reside o presidente. Ademais, em maio de 2010, a Assembleia da Organização aprovou a inclusão do Chile como seu membro.¹⁸

Outros países, em diferentes edições, participaram dos Jogos Bolivarianos como convidados. Na décima oitava edição, ocorrida em novembro de 2017 na cidade de Santa Marta da Colômbia, doze nações participaram do certame. Além dos seis membros originais da ODEBO, e do Chile (incorporado à ODEBO em 2010, como descrito na citação anterior), também marcaram presença com suas respectivas delegações: El Salvador, Guatemala, Paraguai, Porto Rico e República Dominicana.

Quando em 1936, Alberto Nariño Cheyne, dirigente esportivo colombiano e então Diretor Nacional de Educação Física do país, conseguiu junto ao Comitê Olímpico Internacional (COI) a aprovação para realizar no país os primeiros Jogos Bolivarianos (Acosta, 2013), algumas outras competições já haviam servido como modelos para se pensar esse evento. O exemplo dos Jogos Centro-Americanos e do Caribe, que já ocorriam desde 1926 e com boa aceitação do público, se tornou um fator positivo para efetivar a aprovação dos Jogos Bolivarianos enquanto evento maior dos festejos de aniversário da capital colombiana.

Tal evento, se relacionava diretamente com os objetivos regionalistas do COI, ou seja, na busca por internacionalizar os ideais olímpicos a partir de eventos locais ou continentais. Mesmo não tendo tido uma relação direta entre a organização dos Jogos Centro-Americanos e do Caribe com a criação dos Jogos Bolivarianos, é inegável que a experiência do primeiro evento, materializado mais de uma década antes, serviu de exemplo para a efetivação dos jogos na Colômbia em 1938.

A realização de obras públicas e a criação de estádios, se tornaram fatores fundamentais para o avanço do projeto dos jogos. Os já citados estádios Nemesio Camacho (*El Campín*) e Alfonso López Pumarejo (Estádio Olímpico da *Universidad Nacional de Colombia*) (Acosta, 2013, p. 44), tendo o primeiro se transformado no principal estádio de futebol da Colômbia até os dias atuais, foram consideradas como as obras ápices do evento. A exaltação dos Jogos Bolivarianos pôde ser percebida na época pelas palavras de um de seus idealizadores, o próprio Alberto Nariño Cheyne:

Dos jogos regionais no mundo, os Bolivarianos são os únicos criados baixo uma ideia profundamente filosófica e histórica, formando o grupo mais equilibrado desportivamente de todos os que integram as demais organizações similares.¹⁹

Com todo esse cenário construído, a criação dos estádios *El Campín* e “Alfonso López”, para os eventos esportivos do I Jogos Bolivarianos, se fizeram importantes para os interesses

18 www.odebolivariana.org. Acesso em 17 de julho de 2017, tradução nossa.

19 www.odebolivariana.org. Acesso em 17 de julho de 2017, tradução nossa.

maiores da Colômbia. É válido enfatizar o caráter continental que buscava-se estabelecer enquanto forma de identidade na Colômbia a partir do evento. Acosta realça que teria nascido do Equador, em 1935, a ideia de criar um estádio universitário seguido de jogos esportivos continentais. Tal ideia, levada a cabo pelos colombianos a partir de 1936, se desenvolveu muito mais que apenas um evento esportivo para os países bolivarianos, já que:

O evento propiciou que em 23 de julho de 1938 se inaugura o Primeiro Congresso de História dos Países Bolivarianos; porém também o quarto centenário de fundação de Bogotá fez com que se ampliasse as relações simbólicas com a América Latina em geral [...]. (Acosta, 2015, p. 9, tradução nossa)

Encerra-se este trecho, destacando um pouco do significado que o evento teve em parte da mídia, tal como demonstrado em *El Espectador* na abertura dos Jogos Bolivarianos:

Essa é a primeira vez em que o público pode admirar, enfrentando em uma nobre luta, aos mais prestigiosos representantes do desporte de cinco nações, que querem enviá-los até nós como embaixadores de sua cultura. Nunca, antes de agora, se havia reunido em um estado colombiano um maior número de atletas estrangeiros, para participar de um torneio em que o que se preocupa não é o triunfo mas sim a bravura, o gesto cavalheiro e gentil e a manifestação de uma espiritualidade, de uma compreensão do profundo sentido da festa que correm grupos com a habilidade que possuem do domínio do músculo.²⁰

Assim, se torna possível ressaltar que o evento pôde representar uma forma de difusão do nacionalismo colombiano no contexto latino-americano e no Caribe, tal como um fortalecimento do sentimento de identidade pelo qual possuíam os países da região. Marcados pela liderança histórica da imagem de Simón Bolívar, levanta-se o argumento de que os Jogos Bolivarianos teriam sido não só um evento pensado para a construção de um sentimento nacionalista colombiano, mas também como um marco na construção identitária dos países que habitam essa região da América Latina e do Caribe e que possuem esse laço em comum.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Ao realizar uma comparação do caso colombiano com o brasileiro, se faz possível identificar diferenças no que se diz respeito a ideia de pertencimento a um determinado espaço, já que a ligação (ou não) do Brasil com a América Latina era, em 1922, algo bastante contestável. Já na Colômbia, se faz possível identificar suas relações com uma forte identidade bolivariana consolidada no período.²¹

Por fim, sendo a identidade nacional um campo fértil para diferentes interpretações, tradições e construções, ainda mais quando analisada em um cenário de relações que extrapolam as próprias fronteiras da nação, destaca-se serem esses objetos férteis caminhos para a realização de diálogos e comparações, partindo do campo da História Nacional/Regional para a História Global.

Com isso, pensar comparativamente os Jogos do Centenário de 1922 e os Jogos Bolivarianos de 1938, para além de possibilitar um melhor entendimento de Brasil e Colômbia historicamente, abre espaços para uma análise mais ampla acerca das relações internacionais, da política, da diplomacia e das identidades sul-americanas a partir do esporte.

20 *El Espectador*, 05 de agosto de 1938, tradução nossa.

21 Para maiores informes, ver GOMES, 2025.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA, Andrés. **Deporte y política**: Berlín 1936, la primera participación de Colombia en una olimpiada. (Trabajo de grado), Departamento de Historia, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá. 2010.
- _____. Elementos sociohistóricos intervinientes en la construcción de los estadios Alfonso López e El Campín para los primeros Juegos Bolivarianos: Bogotá, 1938. **Revista Colombiana de Sociología**, Bogotá, v. 36, n. 01, p. 43-62, jan-jun 2013.
- _____. Los primeros Juegos Deportivos Bolivarianos de Bogotá en 1938 y la Integración regional por medio del deporte. **Revista de Investigación: Cuerpo, Cultura y Movimiento**. Bogotá. Vol. 5, N.o 1, enero-junio de 2015, pp. 99-113
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BARROS, José D´Assunção. **História Comparada**. Petropolis: Vozes, 2014.
- BETHELL, Leslie. O Brasil e a ideia de “América Latina” em perspectiva histórica. **Estudos Históricos**, v. 22, n. 44, p. 289-321, jul.-dez. 2009.
- BOOTH, Douglas. From allusion to causal explanation: the comparative method in sports history. **International Sports Studies**, v. 22, n. 2, p. 5-20, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser desportista? In: _____. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim do século, 2003, p. 181-204.
- BUSHNELL, David. **Colombia: una nación a pesar de si misma** – nuestra historia desde los tiempos pré-colombianos hasta hoy. Bogotá: Planeta, 2012.
- CANCELLA, Karina. **O esporte e as forças armadas na Primeira República**: das atividades gymnasticas às participações em eventos esportivos internacionais. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2014.
- CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2015.
- CERVO, Amado Luiz. **Relações Internacionais na América Latina**: de 1930 aos nossos dias. 3 ed. São Paulo: Saraiva: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, 2008.
- CORNELSEN, Elcio. Totalitarismo. **Literatura e Autoritarismo**. n. 14, p. 1-9, jul-dez 2009.
- DRUMOND, Maurício. **Nações em jogo**: esporte e propaganda política em Vargas e Perón. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
- _____. O esporte nos Estados Novos de Salazar e Vargas (1933-1945): um estudo comparado. In: XXVI Simpósio Nacional de História da Anpuh, 2011, São Paulo, **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História da Anpuh**, São Paulo: Anpuh, 2011, p. 1-15.
- _____. Os jogos esportivos do centenário: o ponto de vista da política. In: MALAIA, João Manuel; MELO, Victor (orgs.). **1922: celebrações esportivas do centenário**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 15-36.
- _____. **Estado Novo e esporte**: a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945). Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. A Reação Republicana e a crise dos anos 20. **Estudos Históricos**, v. 6, n. 11, 1993, p. 9-23.
- FREIXO, Adriano de. **Futebol o outro lado do jogo**. São Paulo: Desatino, 2014.

GALVIS RAMÍREZ, Alberto. **100 años de fútbol en Colombia**. Bogotá: Planeta, 2008.

GOMES, Eduardo de Souza. **El Dorado**: os efeitos do profissionalismo no futebol colombiano (1948-1954). Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

_____. A nação no Brasil e na Colômbia: uma análise a partir do esporte. In: XVII Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: entre o local e o global, 2016, Nova Iguaçu – RJ. **Anais do XVII Encontro Regional de História da ANPUH-Rio**. Nova Iguaçu, RJ: ANPUH-Rio, 2016, p. 1-13.

_____. A Reação Republicana e a imprensa carioca no VI Sul-Americano de futebol em 1922: uma análise nas páginas de *O Imparcial* e *Correio da Manhã*. Âncora: **Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, Ano 4, Vol. 4, n. 1, Jan./Jun. 2017, p. 147-171.

_____. **A invenção do profissionalismo no futebol**: tensões e efeitos no Rio de Janeiro (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954). Curitiba: Appris, 2019.

_____. **Diplomacia do Esporte**: nacionalismo e relações internacionais nos Jogos do Centenário (Rio de Janeiro, 1922) e nos Jogos Bolivarianos (Bogotá, 1938). São Paulo: Dialética, 2025.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção de tradições**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Saraiva de Bolso, 2012, p. 11-28.

HYLTON, Forrest. **A Revolução colombiana**. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

MALAIA, João. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). 2010. 501 f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____. A história econômica entra em campo: o Rio de Janeiro e as competições esportivas internacionais de 1919 e 1922. **Revista de Econômica Política e História Econômica**, Ano 9, n. 27, 2011a.

_____. Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro no Centenário de 1922: olhares sobre a política de um projeto de unificação e celebração da nação através do esporte. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH**. São Paulo: ANPUH, P. 1-16, 2011b.

_____. Diplomacia do pé. O Brasil e as competições esportivas sul-americanas de 1919 e 1922. **Tempo e argumento**. v. 3, p. 43-76, 2011c.

_____. O Rio de Janeiro e os jogos de 1922: economia de um projeto esportivo. In: MALAIA, João; MELO, Victor (orgs.). **1922**: celebrações esportivas do centenário. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 58-80.

MALAIA, João; PESSOA, Flávio. Os Jogos de 1922 na imprensa. In: MALAIA, João; MELO, Victor (orgs.). **1922**: celebrações esportivas do centenário. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 142-162.

MALAIA, João; DRUMOND, Mauricio; MELO, Victor Andrade de. Celebrando a nação nos gramados: o Campeonato Sul-americano de futebol de 1922. **História. Questões e Debates**, v. 57, p. 151-174, 2012.

MALAIA, João; MELO, Victor (orgs.). **1922**: celebrações esportivas do centenário. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

MEJÍA, Álvaro. López Pumarejo la Revolución en marcha. **Nueva Historia de Colombia**. Historia Política I 1886-1946. Bogotá: Planeta, 1989, p. 179-210

MELO, Victor Andrade de. **Escola Nacional de Educação Física e Desportos**: uma possível história. 1996. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1996.

- _____. **Cidade Sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2001.
- _____. **Esporte e lazer**: conceitos – uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- _____. Modernos? As grandes touradas do centenário (1922) e a reconciliação com Portugal. In: MALAIA, João Manuel; MELO, Victor (orgs.). **1922: celebrações esportivas do centenário**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 81-117.
- _____. O esporte e sua história: desafios para uma compreensão ibero-americana. In: MELO, Victor (org.). **O esporte no cenário ibero-americano**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015, p. 15-24.
- MELO, Victor; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; MALAIA, João. **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.
- MORAES, Hugo. **Jogadas Insólitas**: amadorismo e processo de profissionalização do futebol carioca (1922-1924). Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.
- MOTTA, Marly. **A nação faz cem anos**: a questão nacional no centenário da independência. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1992a.
- _____. **A nação faz cem anos**: o centenário da independência no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992b.
- _____. **Exposição Internacional do centenário da independência do Brasil**. In: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/EXPOSIÇÃO%20INTERNACIONAL%20DO%20CENTENÁRIO%20DA%20INDEPENDÊNCIA.pdf> Acesso em 05 de novembro de 2019.
- PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento. In: STEINBERG, Charles (org.). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 168-185.
- PEREIRA, Leonardo. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PRADO, Maria Ligia; PELLEGRINO, Gabriela. **História da América Latina**. São Paulo: Contexto, 2014.
- QUITIÁN ROLDÁN, David Leonardo. Gaitán, el fútbol y la Universidad Nacional. **En Ascende, Memorias Cátedra Jorge Eliécer Gaitán. Sociología 50 años**. Clase 9. Universidad Nacional, Bogotá, 2009, p. 2-15.
- _____. Deporte y modernidad: caso Colombia. Del deporte en sociedad a la deportivización de la sociedad. **Revista Colombiana de Sociología**, Bogotá, v. 36, n. 01, p. 19-42, jan-jun 2013.
- _____. Deporte y modernidad en Colombia: una historia en clave de violencia. In: MELO, Victor Andrade (org.). **O esporte no cenário ibero-americano**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015a, p. 27-37.
- _____. Del invento inglés al criollismo patrio: el desarrollo del fútbol en Colombia. In: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Moraes (orgs.). **Olhares para a profissionalização do futebol**: análises plurais. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015b, p. 295-316.
- RUIZ PATIÑO, Jorge Humberto. **La política del sport**: elites y deporte en la construcción de la nación colombiana, 1903-1925. 2009. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Políticos) – Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, 2009.
- SANJAD, Nelson. Exposições Internacionais: uma abordagem historiográfica a partir da América Latina. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.24, n.3, jul.-set. 2017, p.785-826.
- SANTOS, Ricardo P. dos. **Entre “Rivals”**: futebol, racismo e modernidade no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924). Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

SANTOS JÚNIOR, Nei Jorge dos. **A construção do sentimento local:** o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1914-1923). Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo:** uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: REIS FILHO, Daniel Aarão *et al.* (orgs.). **O século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 109-164.

SUPPO, Hugo; LESSA, Mônica. O estudo da dimensão cultural nas Relações Internacionais: contribuições teóricas e metodológicas. In: LESSA, Mônica; GONÇALVES, W. S. (orgs.). **História das Relações Internacionais:** teorias e processos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p. 223-250.

SZMRECSÁNYI, Tamás. “Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Estudo da História Econômica”. **História Econômica & História de Empresas**, v. XI, n. 2 (2008), pp. 31-43, p. 41.

TORRES, César. **Jogos Olímpicos Latino-Americanos – Rio de Janeiro, 1922**. São Paulo: CBAT, 2012.

TUBINO, Manoel; TUBINO, Fábio; GARRIDO, Fernando Antônio. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. Rio de Janeiro: Sesc Rio, 2007.

URREGO, Miguel. **Intelectuales, Estado y Nación en Colombia**. Bogotá: Siglo del Hombre, 2002.